



PROJETO A VOZ DA COMUNIDADE - ARTE QUE PROMOVE INCLUSÃO

PROJECT VOICE OF THE COMMUNITY - ART PROMOTING INCLUSION

Maria Cláudia Bachion Ceribeli¹

RESUMO

O projeto A Voz da Comunidade foi um projeto de extensão idealizado para atrair a comunidade piumense jovem e adulta para cantar músicas diversas que abordassem conteúdos educativos e culturais, de diversos artistas, a fim de promover educação, discussão de valores, autoestima, promoção de bons hábitos, promoção de bom relacionamento interpessoal, desenvolver conhecimentos em música (ritmo, coordenação motora, reconhecimento de linguagem musical), aproximar IFES e comunidade e desenvolver a cultura artística. A Arte é um dos recursos que podem ser utilizados para atender à diversidade e à inclusão dos sujeitos aos espaços diversos da sociedade, e, realizado com os alunos da APAE de Piúma, E.S., demonstrou resultados alcançados não apenas através da linguagem da Música, mas também com a da Dança.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Inclusão; Música; Diversidade; Educação.

ABSTRACT

The project A Voz da Comunidade was an extension project designed to attract the young and adult piumense community to sing diverse songs that contain educational and cultural content, from various artists, in order to promote education, discussion of values, self-esteem, promotion of good habits, promoting good interpersonal relationships, developing knowledge in music (rhythm, motor coordination, recognition of musical language), bringing IFES closer to the community and developing artistic culture. Art is one of the resources that can be used to meet the diversity and inclusion of individuals in the diverse spaces of society, and when realized with the APAE students in Piúma, E.S., demonstrated results achieved not only through the language of music, but also that of dance.

KEYWORDS

Art; Inclusion; Music; Diversity; Education.

Inicia-se este artigo com as indagações de Kerlan (2015):

Para que serve o museu se o quadro não é esperado e lido como a cristalização de uma experiência do mundo que se cruza com a minha

¹ Maria Cláudia Bachion Ceribeli é Mestre em Letras na área de concentração dos estudos literários, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Ciências da Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e pela Università Ca Foscari Venezia. MBA em Comunicação e Marketing Empresarial pela Universidade de Rio Verde/GO (FESURV) e Lic. Plena em Educação Artística pela Universidade de Franca/SP (UNIFRAN). Professora no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Contato: claudiabachion@gmail.com.



própria? Para que serve a música, a dança, a coreografia, se o movimento dos bailarinos e o som dos instrumentos não prolongam, de certa forma, os do meu próprio corpo na experiência ordinária? Para que serve o teatro se o palco no qual atuam os atores não serve como convergência de uma experiência compartilhada para as cenas interiores dos espectadores? (KERLAN, 2015, p. 275).

Além das reflexões apresentadas por Kerlan (idem) pode-se, ainda, argumentar sobre as possibilidades que a obra de arte apresenta, como um dos recursos expressivos, dialógicos, miméticos, comunicacionais, de que pode dispor o sujeito para questionar, refletir, criticar, transformar a realidade e, de acordo com a experiência citada nesse artigo, o Projeto A Voz da Comunidade, promover o rompimento de paradigmas, barreiras, estereótipos, preconceitos, tornando-se espaço da inclusão e da diversidade. Este autor explica que “sob qualquer obra, existe uma relação com o mundo. Relação que envolve inteiramente e que também deve – e pode-se dizer mesmo que deve, antes de tudo – ser educada” (KERLAN, 2015, p. 271). Kerlan (idem) complementa sua reflexão afirmando que mesmo numa época em que lidamos com o digital, lidar com o desafio de um educativo desse digital e do virtual torna mais necessária ainda uma educação estética, explicando que a relação sensível com o mundo deve anteceder a relação com as telas do computador. A experiência estética compartilhada é um dos pré-requisitos educacionais essenciais. Esse tipo de educação propicia o desenvolvimento conjunto da cultura e da sensibilidade, fazendo da experiência estética o fundamento da educação artística e uma das bases da educação, educação das mais democráticas possíveis, segundo Kerlan (2015).

Um quadro, uma música, uma poesia, uma crônica, uma peça de teatro, uma dança, uma fotografia, e tantas outras formas de expressão artística são permeadas de informações advindas de um contexto que faz parte da realidade do indivíduo, além de possibilitarem práticas pedagógicas e metodologias diferenciadas que podem viabilizar, num ambiente educacional repleto de diferenças, a inclusão e o respeito à diversidade. Através de uma obra de arte, o indivíduo dialoga mimeticamente com a realidade, o que pode ampliar os aspectos cognitivos de seu desenvolvimento.

A Arte reflete o contexto em que está inserida e o contexto da atualidade envolve temas como inclusão, diversidade, sexualidade, tecnologia, sustentabilidade, meio ambiente, corrupção, violência, drogas, reformas na educação, política e economia, entre outros. Em



virtude de sua relação com o meio, a obra de arte, ou, segundo denominações contemporâneas, o objeto artístico, adquire a possibilidade de estabelecer relação entre a escola e o que se passa fora dos muros desse ambiente. Porém, é necessário um mediador para estabelecer esta relação, podendo esta mediação ser feita pelo professor, pelo artista ou por outro indivíduo que saiba fornecer elementos para isso. Como indaga Freire (1996), por que não se aproveitam as experiências que os sujeitos trazem, de viverem em áreas da cidade descuidadas pelo poder público, a poluição dos rios e outros, os lixões e os riscos que oferecem à saúde pública e ao meio ambiente, a violência com a qual convivem, estabelecendo relação entre sua experiência social e os saberes curriculares, discutindo a desigualdade social?

Freitas e Teixeira (2011, p.251) afirmam que uma educação inclusiva “prevê a inserção de indivíduos em classes regulares de ensino, independentemente de suas condições físicas, cognitivas, sensoriais, origem sócio econômica, raça ou religião”. Porém, apesar de inseridos em classes regulares, sabe-se que existem muitas realidades excludentes nas escolas e em outros ambientes disponíveis na sociedade, advindas de preconceitos entre os indivíduos em todos os aspectos citados pelos autores. Há ainda aqueles que não têm acesso aos espaços educativos/formativos que compõem a sociedade, mas que, através da Arte, podem adentrar, ocupar e atuar nesses espaços.

Na mesma linha, a Declaração de Salamanca (1994) destaca que a escola inclusiva é aquela em que todas as crianças aprendem juntas, sempre que possível, mesmo com as diferenças e dificuldades que possam apresentar. Esse documento se refere, nesta abordagem, às pessoas portadoras de necessidades especiais, mas pode-se ampliar esse texto à diversidade dos indivíduos, referente a todos os aspectos enunciados por Freitas e Teixeira (2011), existente em todos os locais, seja no ambiente de trabalho, religioso, social, de lazer, porque a aprendizagem ocorre o tempo todo e não apenas dentro da escola, a cidade é educativa, como descrevem Sgarbi e Chisté (2015). O papel da escola sempre foi o de educar, instruir, preparar para viver em sociedade, mas, nessa mesma sociedade, observa-se a ausência do respeito à diversidade, a violência, e a desigualdade social.



Apesar da heterogeneidade dos sujeitos que ocupam os diferentes espaços da sociedade, ainda há muito a se fazer para atender a essa diversidade e às diferenças. Numa sociedade inclusiva, deve-se perceber as diferenças com suas possibilidades diversas de aprendizagem, bem como as potencialidades que todos trazem para isso, incluindo-se os portadores de necessidades especiais. Mais do que perceber as diferenças, é preciso respeitá-las.

Os indivíduos com necessidades especiais são aqueles que possuem necessidades próprias diferentes, que exigem atenção específica devido à sua condição de deficiência. Tais pessoas apresentam significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter permanente que geram dificuldades em sua interação com o meio físico e social (CAOIPP, 2015). A escola e todos os envolvidos no processo educacional precisam observar essas dificuldades ao adotar metodologias e práticas pedagógicas, para efetivar práticas inclusivas. Incluir não significa apenas colocar para dentro, mas oferecer oportunidades efetivas de participação nas atividades que serão desenvolvidas. Veja-se o exemplo da destinação de vagas de trabalho a pessoas portadoras de necessidades especiais em empresas de todos os segmentos.

Na educação, a Arte tem esse caráter múltiplo e a possibilidade de adequação a todos os tipos de indivíduos, podendo ser o meio para um processo ensino-aprendizagem efetivo em qualquer área do conhecimento, bastando, para isso, que aqueles que pretendem desenvolver um conhecimento busquem as informações sobre a linguagem e objeto de arte que melhor atenda às suas necessidades. Assim, a Arte pode ser o veículo, a comunicação entre o indivíduo e o contexto onde está inserido. O lugar da Arte não está restrito a um espaço, ela cabe em todos eles, além de ser um dos recursos a possibilitar o acesso dos sujeitos a esses espaços, à cultura, à informação, à reflexão, à cidadania.

A ARTE COMO MEIO PARA AMPLIAÇÃO DO PROCESSO COGNITIVO E ATENDIMENTO À DIVERSIDADE

Na contemporaneidade, a Arte na Educação é associada ao desenvolvimento cognitivo, ampliando formas sutis de pensar, permite diferenciar, comparar, generalizar, desenvolve também a interpretação, aumenta as possibilidades na construção de hipóteses e significados, o que contribui no Atendimento Educacional Especializado de pessoas com necessidades especiais, passando a ser utilizada pelos responsáveis por esse atendimento nas



escolas como prática alternativa de ensino-aprendizagem de portadores de necessidades especiais, conforme observa-se nos estudos organizados por Siluk (2011).

Como arte é cultura, o estudo da produção artística pode implicar em pesquisar acontecimentos sociais, políticos e econômicos do período ao qual ela pertence, visto que o artista não é um ser desvinculado da realidade, mas em constante relação dialógica e dialética com essa realidade. Atualmente, é crescente o número de portadores de necessidades especiais participando de atividades artísticas, seja no cinema, teatro, música, dança ou outras, inserindo no cotidiano questões de cidadania, dando visibilidade e representatividade social a esses indivíduos. A arte contemporânea, chamada por alguns de antiarte por tratar questões que se insiste em não ver, traz o espectador para a história em metáforas de vida que eliminam estereótipos. Assim, o indivíduo vive, sofre, ri através dos olhos do outro, com o outro, assumindo papel mediador. A arte promove o diálogo ao partir da singularidade do artista para o coletivo da humanidade heterogênea, valorizando a diversidade, os olhares e sensibilizações múltiplas como elementos que enriquecem o desenvolvimento pessoal e social (FREITAS; PEREIRA, 2007).

As linguagens da arte podem viabilizar discussões que envolvem as relações sociais presentes na sociedade. É uma forma de pensar criticamente sobre questões diversas, que permeiam as várias instâncias sociais. Além disso, são vários os casos de professores que se utilizam das linguagens da arte para ampliar as possibilidades cognitivas dos educandos, usando a música, o teatro, a dança, o cinema para ensinar e abordar os mais diversos conteúdos e temáticas. No caso do projeto A Voz da Comunidade, a Música e a Dança foram utilizadas para promover a inclusão dos alunos da APAE no IFES campus Piúma, incluindo-os, efetivamente, em atividades artísticas que incluíam canto e dança, visto que duas turmas do ensino técnico integrado ao ensino médio participaram da atividade que culminou numa apresentação no palco do auditório do campus Piúma, após 9 meses da realização do projeto.

Tanto Eisner (2002) quanto Dewey (1980) alertam para a importância da Arte, que, devido a seu caráter dúbio, desenvolve a tolerância à ambiguidade e a exploração de variados sentidos e significações. Em Arte, não existe certo ou errado; há apenas o mais ou menos



adequado, o mais ou o menos significativo e o mais ou o menos criativo e inventivo (BARBOSA, 1998).

A Arte é democrática. Quando procuramos o significado de democratizar no dicionário, encontramos, entre outros, que algo se torna popular, ao alcance do povo, da maioria da população. A educação tornou-se democrática, mas isso não significa que alcança a todos que adentram um ambiente educativo,

[...] quando temos em mente o desenvolvimento da democracia e a efetivação da cidadania, pensamos em uma escola que forme nossos jovens orientados para a participação social e respaldados por valores como tolerância, equidade, justiça social. Para fazê-lo de forma coerente com a democracia, entendemos que a educação deve pautar-se por certos princípios e ações que traduzam o ideal buscado. Por outro lado, a concretização dos ideais democráticos depende da educação, como uma medida que visa a igualdade de oportunidades. Sem educação extensiva a todos, a democracia não se realiza. A escola, enquanto instituição social, deve ser democrática, tanto em suas práticas quanto em seu acesso. Assim, não pode haver democratização do ensino sem esforços sistemáticos para o acesso e a permanência de todos na escola. O acesso reivindicado não é apenas de frequentar uma escola, mas sim o acesso aos bens culturais da sociedade: conhecimentos, linguagens, expressões artísticas, práticas sociais e morais, enfim, o direito a um legado de realizações históricas às quais conferimos valor e das quais esperamos que as novas gerações se apoderem (KLEIN; PÁTARO, 2008, p. 4).

Como se depreende das palavras de Klein e Pátaro (idem), uma sociedade democrática, justa, formada por cidadãos que respeitem a diversidade, sociedade que promova o acesso de todos, de forma igualitária aos bens culturais, ao saber, aos espaços existentes nessa sociedade, deveria iniciar pela educação dos sujeitos que a compõem.

A convivência faz parte da vida em sociedade e, na maioria das vezes, as situações que vivemos ocorrem com outros indivíduos, tornando-se, todos, em algum momento, os mediadores de nossas relações com o conhecimento. Severino (2000) aborda a mediação que ocorre nos seres humanos nos âmbitos do trabalho, da sociedade e da cultura para construção do conhecimento, que supõe relações sociais, além de alertar que educação que apenas transmite conhecimentos científicos e técnicos não é suficiente. É preciso oferecer mediação com as relações situacionais para que os indivíduos compreendam o significado de suas atividades técnicas e culturais.



Barbosa (1978 p.11), enfatiza que “a Educação, como meio de conservação de cultura, é naturalmente estratificadora e conformista, enquanto que a Arte, como instrumento de renovação cultural, é anticonformista e de caráter demolidor”. Chalmers (2003) afirma que não se trata de incluir algumas atividades isoladas, com referência à Arte das diversas culturas, mas, ao fazê-lo, levar-se em conta a necessidade de auxiliar os discentes a perceber a Arte como aspecto fundamental da vida cultural e social, encontrando um lugar para ela em suas vidas, compreendendo e valorizando as contribuições dos artistas e dela própria para as diversas culturas e sociedades. Dewey (2005) reforça que as obras de arte representam as formas refinadas e mais intensas da experiência humana, sendo os acontecimentos cotidianos elementos constitutivos dessa experiência, tornando-se necessário restabelecer a continuidade entre experiência estética e os processos normais da existência.

Tendo contato com alunos com deficiência, os professores de Arte perceberam a necessidade de trabalhar, durante suas aulas, de modo a atender as especificidades de cada aluno no campo da linguagem, motricidade, mobilidade, acesso ao conhecimento e produções artísticas (REILY, 2010). As linguagens da Arte oferecem uma multiplicidade de caminhos para que, superando limitações, todos possam participar. Através de músicas, teatro, dança, desenho, fotografia, colagem, filmes, vídeos, pinturas e outros processos artísticos o processo cognitivo é ampliado. Eisner (2002) propõe várias visões para a Arte na Educação, destacando-se aspectos como auto expressão criadora, desenvolvimento da cognição e cultura visual, que melhoram o desempenho acadêmico e a preparação para o trabalho.

Kerlan (2015, p. 268), enfoca a necessidade da democratização cultural, possibilitar a todos o acesso às práticas artísticas de sua escolha, permitindo a todos uma verdadeira experiência estética, sendo que a “democratização no campo da arte e da cultura passa pelo acesso de todos à experiência estética como experiência humana fundamental”. O autor faz um alerta sobre a escravização que as forças econômicas exercem sobre outras, como a arte e a cultura, que devem se dobrar às exigências da indústria e do mercado.



A arte é elemento de reconstrução social e o processo artístico é investigativo. Quem ensina educação artística é responsável pela valorização do trabalho que se pode realizar por meio da arte e das transformações que ela pode promover (EÇA, 2013).

[...] quando falamos arte ou processos artísticos englobamos todo o tipo de objetos, situações e processos pelos quais os indivíduos e as comunidades têm comunicado os seus sentimentos e interessam-nos, sobretudo os processos artísticos colaborativos que desde o início da humanidade se observam em grupos sociais. Acreditamos que partir da prática das artes colaborativas as pessoas, individualmente ou em grupo, utilizam percepções não lineares e desenvolvem inteligências emocionais encontrando modelos metafísicos e espirituais que os ajudam a ser e a estar no mundo.

Interessa-nos resgatar os processos artísticos de indagar e de fazer onde os participantes sejam os autores/atores principais na criação de situações geradoras de desconhecido e de flexibilidade (EÇA, 2013, p. 5).

Diversos pesquisadores têm dedicado esforços para entender o papel da Arte na Educação, além de sua relação com a cultura, tais como Dewey (1979) e Eisner (2002), que concluem que a Educação é um processo influenciado pelo meio em que vive o indivíduo, toma forma na cultura, nas crenças, valores e linguagens do mundo em que ela ocorre, mas também na individualidade de cada um.

Para Vygotsky (2001), a arte, como conhecimento e ação, encontra-se vinculada ao processo de atribuição de significados que possibilita acesso à construção e a formação de sentido para o que se é e o que se faz por meio da interação sócio cultural.

Oliveira (2008) propõe compreender a arte como atividade inerente ao indivíduo, o que potencializa suas habilidades, sendo que, por meio dela é possível educar, sensibilizar e inquietar, promovendo também o pensamento crítico, a problematização, os processos de criação e a experiência emocional, tornando-se um caminho para a inclusão escolar. Kerlan (2015, p. 271) afirma que uma “educação para a cidadania passa pela educação estética; algo da educação para/pela democracia está envolvido com a estética”.

Quando se pensa em educação, em aprendizagem, em possibilidades de aprendizagem, não se pode deixar de considerar a zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1984), a potencialidade que todos trazem para aprender, sendo que esta



[...] potencialidade para aprender não é a mesma para todas as pessoas, ou seja, a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial é singular e única. Pode-se falar então, que há ritmos diferentes para aprender, e essa compreensão é importante em tempos de inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais, com síndrome de Down, autismo, deficiência intelectual, transtornos globais de desenvolvimento, dentre outras. É na interação social que ocorre o processo de construção das funções psicológicas humanas. O desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, inter-relacionados. Quanto maior for a qualidade da interação com outras crianças, com o contexto, com a cultura, melhores condições para o desenvolvimento podem ser observadas” (FREITAS; TEIXEIRA, 2011, p. 252-253).

O PROJETO A VOZ DA COMUNIDADE

O projeto de extensão A Voz da Comunidade, realizado no IFES campus Piúma, cadastrado sob número 23185.000634/2015-31, foi uma aplicação prática das possibilidades que a Arte, especialmente a Música, representa como ferramenta de desenvolvimento omnilateral do sujeito, respeitando a diversidade e possibilitando a inclusão e o acesso dos indivíduos que fazem parte da APAE de Piúma à cultura, ao objeto artístico, aos espaços da Instituição Federal, IFES, a patrimônios físicos e imateriais da sociedade. Por meio da análise das letras das músicas, da prática de canto destas músicas, dos momentos de convivência durante o projeto, objetivava-se promover uma melhoria na qualidade de vida daqueles sujeitos (alunos da APAE), a educação em valores humanos, que fosse facilitada pelo implemento de práticas artísticas voltadas à cultura local. A sociedade contemporânea vivencia características de violência, preconceito, exclusão, desrespeito ao ser humano, consumo de drogas, dificuldades de convivência, desrespeito ao meio ambiente. Este quadro poderia ser minimizado e até modificado através da música, conforme planejou-se no projeto apresentado e efetivado.

O projeto A Voz da Comunidade teve a finalidade de inserir a linguagem musical como prática pedagógica rica em possibilidades educativas para os alunos do campus e a comunidade piumense. Através dessa abordagem, foi possível realizar discussões sobre os aspectos citados nas letras das músicas, adquirindo o projeto, então, caráter educativo-crítico-formativo na constituição dos indivíduos. O objetivo geral era promover integração e aproximação entre IFES e comunidade, desenvolver a musicalidade e práticas educativas e



culturais diversificadas aos estudantes do ensino técnico integrado ao ensino médio do campus e às pessoas da comunidade local. Os objetivos específicos definidos incluíam: desenvolver a leitura e a interpretação de textos; desenvolver e implementar a cultura e a arte na comunidade; trabalhar valores humanos; promover integração entre os indivíduos e entre estes e suas famílias e o IFES e desenvolver conhecimentos em música.

A metodologia incluiu a divulgação do projeto por meio da internet, na página oficial do IFES e por uma página criada no facebook² e panfletos de divulgação.

Trabalhar com textos de músicas é uma metodologia que desenvolve a leitura, a compreensão e interpretação de textos e signos utilizados para comunicação escrita e musical, possibilitando o desenvolvimento cultural dos indivíduos que participaram do projeto. Como foram realizadas apresentações, observou-se um crescimento da autoestima e a comunicação dos participantes.

A atividade do projeto está associada à área de linguagens e códigos, mais especificamente às disciplinas de Arte e Língua Portuguesa, mas também se relaciona aos aspectos filosóficos e sociológicos da aprendizagem e formação do sujeito.

No início, apenas as letras das músicas eram analisadas e, com o canto, a expressão corporal e facial foram acrescentadas à interpretação, mas, com o desenvolvimento dessas atividades, os alunos da APAE de Piúma pediram que fosse acrescentada a Dança durante os encontros, que aconteciam uma vez por semana. O desenvolvimento motor, a interação, o envolvimento dos alunos passou por uma evolução que foi confirmada pelos profissionais da APAE que acompanhavam o projeto. A professora da turma de alunos, a coordenadora, as acompanhantes, todas percebiam o desenvolvimento que as atividades de música e dança traziam aos alunos, como pode ser observado nas fotos e vídeos que estão disponíveis na página do projeto A Voz da Comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

² Página do projeto A Voz da Comunidade, com fotos e vídeos, está disponível para acesso: <https://www.facebook.com/Projeto-A-Voz-da-Comunidade-1100643666648655/>



Este artigo pretendeu abordar a possibilidade da inclusão e do respeito à diversidade através da Arte. Arte que pode ser um meio para ampliação do processo cognitivo nos indivíduos, sendo que alguns profissionais já utilizam suas linguagens, como a Música, a Dança, o Teatro, o Cinema, a Fotografia e outras, para ensinar e abordar diversos conteúdos e temas transversais.

A inclusão e o respeito à diversidade, a observação das diferenças precisa ser considerada nas práticas pedagógicas. A formação pela educação estética, possível nas atividades artísticas é um dos caminhos para a democratização do ensino. Inclusão não significa apenas colocar para dentro, mas oferecer formas diferenciadas de participação. Como recurso para formas diversas de aprendizagem, em sintonia com a heterogeneidade dos indivíduos nos mais diversos ambientes, sugere-se a utilização das linguagens artísticas, como ferramenta de transformação de uma realidade ainda permeada de preconceitos, violência e desrespeito.

A arte, comprovadamente contribui com a aquisição do conhecimento e formação de cidadãos ativos e críticos, capazes de transformar a realidade em que a sociedade atual está inserida. A abordagem das mais variadas questões, citadas no parágrafo anterior, e sua discussão e análise através de obras de arte, como a música, cinema, dança, esculturas, performances, teatro, e outras (obras onde, inclusive, se observa a inclusão, de fato, de pessoas com as mais diversas características e necessidades) pode representar que não há espaço onde não se encontre Arte abrindo espaços para diversas possibilidades e sujeitos.

Referências

BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora Com/Arte, 1998.

CAPIPPD - **Centro de Apoio às Promotorias Inclusão de Pessoas Portadoras de Deficiência**. Disponível em: <http://www.ppd.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=41>. Acesso em: 05 ago. 2019.

CHALMERS, F. G. **Arte, educación e diversidad cultural**. Barcelona: Paidós, 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 05/08/2019.

DEWEY, J. **Art as experience**. New York: Perigee Books, 1980.

_____. **Democracia e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.



- _____. *L'Art comme Expérience*. Pau: Éditions Farago, 2005.
- EISNER, E. *The arts and the creation of mind*. New Haven: Yale University Press, 2002.
- EÇA, T. T. C3: ações, interações e acontecimentos: arte educadoras entre ativismo, arte e educação. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p.495-506, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS N. K.; TEIXEIRA R. M. M. "O ensino da arte como um tecido inclusivo na escola contemporânea". *Revista Científica FAP*, Curitiba, v. 7, p. 251-265, 2011.
- FREITAS, N. K.; PEREIRA, J. A. "Necessidades educativas especiais, arte, educação e inclusão". *Revista Científica e-Curriculum*, v. 2, n. 2, p. 1 a 18, 2007. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3185/2107>. Acesso em 05/08/2019.
- KERLAN, A. "A Experiência Estética, uma Nova Conquista Democrática". *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 266-286, 2015.
- KLEIN, A. M.; PÁTARO, C. S. O. "A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania". *Revista Cordis*, n. 1, p. 1 a 18, 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/10312/7697>. Acesso em 05/08/2019.
- OLIVEIRA, I. A. "História, arte e educação: a importância da arte na educação inclusiva". In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (Orgs.). *Educação especial: diálogo e pluralidade*. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- REILY, L. "O Ensino de artes visuais na escola no contexto da inclusão". *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 30, n. 80, p. 84-102, 2010.
- SEVERINO, A. J. "Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico". *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.14, n. 2, p. 65 a 71, 2000.
- SGARBI, Antonio Donizetti; CHISTÉ, Priscila de Souza. *Cidade educativa: Reflexões sobre a Educação, a Cidadania, a Escola e a Formação Humana*. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/14246076-Cidade-educativa-reflexoes-sobre-a-educacao-a-cidadania-a-escola-e-a-formacao-humana-1-antonio-donizetti-sgarbi-priscila-de-souza-chiste.html>>. Acesso em 05/08/2019.
- SILUK, Ana Cláudia Pavão. *Formação de professores para o atendimento educacional especializado*. Org. Ana Cláudia Pavão Siluk. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.
- YVGOTSKY, L. S. *A psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.